



08h47

A paralisação começou na véspera, com supressão de alguns comboios e o fecho do Metro de Lisboa às 23h30. Os autocarros também foram afectados

## Comboios e barcos falham serviços mínimos Dia difícil para quem quis usar os transportes públicos

Cravos vermelhos em sinal de apoio

O cravo vermelho ao peito de alguns deputados foi dos poucos sinais de protesto visíveis no Parlamento, num dia em que a Assembleia da República não sentiu os efeitos da greve geral. O Parlamento funcionou com normalidade e o plenário decorreu como estava marcado.

Os deputados do BE abandonaram a sala do plenário, no início dos trabalhos, depois de saudações à greve geral por parte da sua bancada e da do PCP, ficando apenas os parlamentares que estavam a trabalhar directamente no Orçamento do Estado.

Na bancada do PCP os deputados faltaram mesmo e não vão justificar a falta, com excepção dos parlamentares que compareceram para assegurar as votações da especialidade do OE - o líder parlamentar e o deputado Honório Novo. Os restantes deputados, assessores e funcionários do partido estiveram a fazer trabalho político no âmbito da greve.

Os grupos parlamentares do PS, PSD e CDS funcionaram normalmente e não houve registo de adesões entre os funcionários.

O Sindicato dos Funcionários Parlamentares não fez o levantamento dos trabalhadores que aderiram à greve.

Sofia Rodrigues

Marisa Soares

● O sector dos transportes foi um dos mais afectados pela greve geral, sobretudo em Lisboa e no Porto. A paralisação começou a fazer-se sentir ainda anteontem, com a supressão de alguns comboios e o encerramento do Metro da capital às 23h30, mas as complicações foram mais visíveis ao longo do dia de ontem, com os comboios e barcos aquém dos serviços mínimos, mesmo em hora de ponta.

Em Lisboa, o Metro teve as portas encerradas "por questões de segurança", o que afectou fortemente a circulação na cidade. Por sua vez, a Carris teve cerca de 30 por cento dos serviços de transporte programados em funcionamento, mesmo não tendo sido decretados serviços mínimos para a empresa. "Dos 481 veículos programados para o serviço público, circularam 141 viaturas", refere a empresa em comunicado.

No caso do Porto, onde o Metro garantiu serviços mínimos, a procura sofreu ontem, até às 18h, uma quebra de 70 por cento relativamente ao dia anterior, disse à Lusa o porta-voz da empresa, Jorge Morgado. O mesmo aconteceu nos autocarros da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, em cujas paragens a espera foi longa mas feita por menos pessoas do que é habitual. Segundo a empresa, a taxa de adesão dos motoristas durante a tarde foi de 63 por cento, com apenas 37 por cento de serviços garantidos.

Para quem costuma utilizar o comboio, o dia não foi pacífico, com a

maior parte dos serviços suprimidos. Ainda assim, nem por isso as composições circularam muito mais cheias do que o habitual, o que sugere uma taxa significativa de adesão à greve.

Por exemplo, na estação de Santa Apolónia, em Lisboa, as bilheteiras estiveram encerradas e no quadro das partidas e chegadas havia a informação de muitos comboios suprimidos ou atrasados, razão para o átrio estar livre de passageiros apressados.

Num dia normal, a CP deveria ter realizado 1199 comboios entre as 00h e as 18h, mas só fez 167. Foram suprimidos 1034, em todo o país. Os serviços mínimos previam a realização de 198 comboios, mas 31 não se efectuaram por falta de tripulação, que, apesar de nomeada para garantir os servi-

ços mínimos, não compareceu. A taxa de execução dos serviços mínimos na CP foi, assim, de 64 por cento.

Só na Grande Lisboa, foram suprimidos naquele período 491 comboios suburbanos e realizados 75. Na linha de Sintra, onde circulam diariamente 197 comboios, só funcionaram 30, enquanto na linha de Cascais o abalo foi maior: dos habituais 193, apenas 21 se realizaram. No Porto, foram suprimidos 232 comboios suburbanos e realizados 32. Quanto às ligações do Norte ao Sul do país, nenhum Alfa circulou ontem e apenas quatro Intercidades foram assegurados, dois entre Lisboa e Porto e outros dois entre a capital e Faro.

Na Fertagus, que efectua a ligação ferroviária entre a Margem Sul e Lis-

boa, não houve nenhum funcionário em greve, segundo informações prestadas pela empresa. Ao longo do dia, circularam todos os comboios previstos, apesar de alguns atrasos no início da manhã.

Fonte oficial desta empresa ferroviária privada disse ao PÚBLICO que a Refer tem assegurado a gestão dos seus comboios sem dificuldades, apesar de não terem sido decretados serviços mínimos para a entidade que gere as infra-estruturas.

### Ligações fluviais reduzidas

Viajar de barco entre a Margem Sul e Lisboa foi também uma dor de cabeça para muitas pessoas. As ligações fluviais estavam suprimidas, pelas 6h, em 83 por cento nos barcos da Soflusa e 84 por cento nas travessias da Transtejo. Entre as 8h e as 10h, nenhum barco partiu no Tejo, segundo fonte da Transtejo. A mesma fonte adiantou à Lusa que até às 12h20 não foi feita nenhuma ligação de barco entre as duas margens.

O carro terá sido a alternativa usada por uma grande parte das pessoas que ontem não aderiram à greve. Por volta das 8h era já visível um aumento do tráfego nos acessos a Lisboa e ao Porto, bem como no final da tarde. Segundo a Divisão de trânsito da PSP da capital, a Ponte 25 de Abril, a A5 (que liga Lisboa a Cascais) e a Segunda Circular foram os pontos mais problemáticos. No Porto, o trânsito apresentou maior intensidade no sentido Arrábida-Freixo e na AEP, com Carlos Cipriano, José Faria e Sara Soares



O sector dos transportes foi um dos mais afectados pela greve